

Darcy Ribeiro: Experiências pessoais

Isaac Roitman*

No início da década de 60 do século passado, eu estava iniciando a pós-graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tinha notícias esparsas sobre a implantação da Universidade de Brasília (UnB), conduzida por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Naquela época, jamais pensei que teria o privilégio de desenvolver minha carreira na UnB.

Quando cheguei à UnB em 1972, mediada por Amadeu Cury, que foi reitor da UnB, encontrei alguns vestígios do plano diretor da universidade, destruídos pela crise de 1965, quando a quase totalidade de professores, solidários a professores perseguidos, pediu demissão. Esse episódio está bem documentado no livro *Universidade Interrompida* (editora UnB), de autoria de Roberto Salmeron.

Meu primeiro contato pessoal com Darcy foi na segunda metade da década de 80, quando fui Decano (Pró-Reitor) de Pesquisa e Pós-Graduação em uma cerimônia de diplomação de cursos de graduação em todas as áreas de conhecimento, realizada em um ginásio de esportes. Tive o privilégio de sentar-me ao lado de Darcy, na tribuna de honra. Ele seria o paraninfo dos formandos. Antes de cantarmos o Hino Nacional, os estudantes adentraram na arena do ginásio. Eu, emocionado, me dirigi ao Darcy e disse: “Esses jovens vão construir um Brasil feliz”. Darcy respondeu: “Certamente”. Darcy faria um discurso. Observei que estava agitado, peguei em suas mãos tremulas e providenciei um copo com água. Ele se acalmou e fez um brilhante discurso, encantando os jovens, lançando luzes nos seus futuros.

O meu segundo encontro com Darcy foi em 1995, quando fui convidado pelo Reitor da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Wanderley de Souza, para colaborar na implantação dessa universidade, que Darcy chamava de Universidade do Terceiro Milênio. O encontro durou quatro horas e foi realizado no Hospital Sarah Kubitschek, onde Darcy recebia os cuidados de doença grave. Eu deveria assumir a direção do Centro de Biotecnologias e Biotecnologia (CBB) e minha expectativa era receber orientações da minha missão nessa nova universidade. Foi exatamente o contrário. Darcy pouco falou e provocou-me para saber dos meus planos e ideias. Lembro-me muito bem de uma frase de Darcy naquela ocasião: “Roitman, a UENF é uma universidade experimental. Faça que suas ideias se transformem em realidade. Não leia as diretrizes do MEC, eu resolvo depois em Brasília”. Essa frase foi o meu lema nos quase dois anos que permaneci na UENF.

* Professor Emérito da Universidade de Brasília

Um episódio que pode ser enquadrado na dimensão da arte do humor aconteceu dias depois de minha chegada à UENF. Estava programada uma aula magna que seria proferida pelo então Ministro da Educação, Paulo Renato de Souza. Antes da cerimônia, o Ministro visitaria o CBB, provavelmente pela excelência dos equipamentos. A joia da coroa era um super microscópio eletrônico de última geração. Coloquei um avental e fui receber o Ministro e Darcy, acompanhados de autoridades e de um grande número de jornalistas. O ponto alto da visita seria mostrar ao Ministro o moderno microscópio do CBB. Eu ainda não tinha consolidado o mapa geográfico do CBB e levei a comitiva para ver o microscópio eletrônico antigo e ultrapassado. Ao meu lado, Darcy me cutucou e disse: “Não é esse Roitman, é o outro”. Para não confessar meu condenável erro, disse: “Deixe ele ver esse, que é o que ele adquiriu quando foi Reitor da Universidade Estadual de Campinas, depois mostramos o outro”. Darcy me respondeu: “Excelente ideia”.

Também ficou gravado em minha memória o depoimento pessoal da fuga de Darcy da unidade de tratamento intensivo (UTI), inclusive com parada para um pastel e um caldo de cana, que resultou na conclusão do livro *O Povo Brasileiro*.

Durante minha estada na UENF em Campos dos Goytacazes, era frequente, nos fins de semana, um encontro com Darcy em seu apartamento em Copacabana, seguido de uma confraternização em um bar nas proximidades. Cada encontro com ele era um aprendizado. Conversar com Darcy era inspirador. Ele transmitia energia para as transformações necessárias para construirmos um Brasil melhor e mais justo.

Em 2017, quando se lembrava os 20 anos do falecimento de Darcy, a Secretária de Comunicação da UnB me desafiou a fazer uma entrevista imaginária, com indagações que eu responderia como se fosse ele. Aceitei o desafio e, por uma semana, fiz uma imersão para responder os questionamentos. A entrevista “Nos 20 anos da morte de Darcy Ribeiro, uma entrevista imaginária” pode ser acessada no portal da UnB.

Termino este breve depoimento com uma frase de Darcy que é atual para construirmos uma civilização sonhada por ele: “Brasil, último país a acabar com a escravidão, tem uma perversidade intrínseca na sua herança, que torna a nossa classe dominante enferma de desigualdade, de descaso”. As ideias e ideais de Darcy estão vivas e são um combustível para construirmos um país feliz para as próximas gerações.